

TEMPO, PERCEPÇÃO, PRESENÇA E CUIDADO: ENTRECRUZAMENTOS, PARTILHAS, GESTOS E MOVIMENTOS NEGUENTRÓPICOS

ELIVELTO ALVES DE SOUZA¹; RENATA AZEVEDO REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – elivelto.souza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo refere-se ao anteprojeto de pesquisa de dissertação denominado “Tempo, percepção, presença e cuidado: entrecruzamentos, partilhas, gestos e movimentos neguentrópicos”, em fase inicial de desenvolvimento no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Orientado pelo campo de estudos de Arte e Cotidiano, o anteprojeto de pesquisa em Poéticas Visuais relaciona ações, projetos e publicações artísticas que se articulam entre palavra, fotografia e objeto.

Os trabalhos poéticos realizados especificam as noções de *tempo* e *percepção*, e propõem a *presença* e o *cuidado* como resistência a um entorno acelerado e por vezes pouco sensível. Desse modo, busca, na arte, modos de pensar esses conceitos como revitalização de novas formas de *ser* e *estar* no mundo, questionando suas configurações no cotidiano da vida e nas relações que com o mundo tecemos.

As principais questões investigadas inserem-se no processo de criação e na dimensão poética, sensível, ética e política da produção artística contemporânea, e são sustentadas por questionamentos oriundos de reflexões sobre os trabalhos realizados. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa analisa algumas configurações do modo de vida contemporâneo e pensa o lugar da arte como atitude de resistência, norteando-se pelo seguinte questionamento: a partir de investigações no pensar e fazer na arte e no campo de estudo da Arte Contemporânea, como articular os entrecruzamentos dos conceitos de *tempo* e *percepção* na produção artística contemporânea, visando o estudo e alargamento de suas noções, de modo a legitimar um contexto de relações mais estreitas e envolvidas com a realidade da vida?

2. METODOLOGIA

Meu processo de criação relaciona-se a uma experiência estética e reflexiva que pretende promover uma percepção-outra e um tempo-outro no mundo, em que a arte se revela como território de afetos e processos. Propõe-se a provocar a ver mais sensivelmente, criando ações que possibilitem uma vida mais humanizada e impliquem no envolvimento das pessoas com seu entorno. Nesse sentido, faz-se através de inquietações que atravessam arte e vida, apoiando-se na Arte Contemporânea como campo de análise da pesquisa.

A metodologia seguida direciona-se à pesquisa em poéticas visuais (REY, 1996), em diálogo com a cartografia como prática de pesquisa-intervenção (KASTRUP, 2009), e sustenta-se na conexão dessas com a vida, com ênfase no meu processo em territórios subjetivos e afetivos. Processo durante o qual me movimento, afeto e sou afetado por aquilo que sou capaz de cartografar. A direção que pretendo tomar diz respeito, pois, à capacidade de invenção e

reinvenção de mundos, com ênfase nos processos poéticos em curso, seus desdobramentos e nas possíveis redes que a eles se conectam. Dessa forma, me utilize do diálogo desses métodos para criar meus próprios movimentos e desvios, buscando na experiência uma investigação em poéticas visuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o projeto começando o que trago aqui são considerações a partir de trabalhos e leituras pregressas. Caracterizado por um mundo crescentemente veloz, e pela incessante demanda por produtividade, rendimento, eficiência e “atualização”, o atual paradigma social e econômico tem, gradualmente, contribuído para uma existência anestesiada que, aos poucos, nos embrutece. Inseridos nesse padrão, pouco temos nos permitido estarmos de fato presentes para um real envolvimento com o contexto no qual vivemos. A industrialização, ao criar esta dimensão de tempo que é da ordem da produção e do consumo falsamente infinitos, nos direciona a um modo de vida regido pela lógica do “capital motor”, em que somos submetidos a ciclos de trabalho e consumo que consome a nós e ao planeta. Tem-se, como reflexo, uma sociedade esgotada de tudo, com sujeitos que não conseguem dispor de um tempo que seja verdadeiramente seu, de uma experiência na qual possa se constituir. Dentro dessa atmosfera de tempo controlada pelo Mercado, preocupados com rendimento, produção e eficiência, gradativamente deixamos de exercer uma “presença atenta no mundo”. Não seria essa prática uma forma de nos resignarmos ao controle de nossa própria vida? A quem entregamos esse protagonismo?

Conforme Han (2016), o excesso de informação e rendimento ao qual estamos submetidos está nos levando a um tempo incapaz de permitir a conclusão de processos, um tempo que nos conduz a uma continuação sem fim. Por falta de conclusão, esse tempo se acelera cada vez mais, não importando a direção nem o sentido. O autor sugere que a desaceleração não elimina a atual crise do tempo, e que ela é apenas mais um sintoma. *Por favor, cierra los ojos: a lá búsquedas de outro tempo diferente*, ensaio de Han (2016), traz à tona a necessidade de uma revolução na relação com o tempo, que não mais impere sobre todas as relações o tempo produtivista do trabalho, mas, sim, que se buscassem o “tempo do outro”. O “tempo do outro” se encontraria na comunicação humana. No encontro com o outro, se encontrando o sentido, se encerraria certo sentido e, assim, certa forma de conclusão (HAN, 2016). A forma geral aqui seria a da conversação, o diálogo, formas que dependem da co-presença com o outro, o que permitiria concluir alguns processos, e apenas assim e por isso “produzir sentidos”. A comunicação, como fundadora do sentido, se oporia então à aceleração atingida pelo império do “tempo do trabalho”. Ela dá vez a outro tempo, o “tempo do outro”:

O tempo que pode acelera-se é o tempo-eu. O tempo que eu me dou, que leva a escassez de tempo. Mas há também outro tempo, o tempo do outro, um tempo que eu dou ao outro. O tempo do outro como presente não pode acelerar-se, se subtrai também ao trabalho e ao rendimento, que exige sempre meu tempo. A política do tempo no neoliberalismo suprime o tempo do outro, pois esta modalidade temporal não traz rendimento. Em contraposição ao tempo-eu, que é isolado e individualizado, o tempo do outro funda a comunidade. Somente o tempo do outro resgata o eu narcisista da depressão e do esgotamento (HAN, 2016, n. p.).

Ainda, na acepção de Han (2017), o homem pós-moderno se tornou sujeito à histeria e ao nervosismo da sociedade ativa, destruidores da capacidade de “contemplar”. Temos um cotidiano de situações que exigem que realizemos diversas atividades ao mesmo tempo, somos atingidos por um grande número de informações geradas a partir de sons, imagens, vídeos, anúncios, produtos: um frenesi de estímulos que nos conduzem à hiperatividade. O excesso desses estímulos, informações e impulsos modifica radicalmente a estrutura da “atenção”, fragmentando-a e destruindo-a (HAN, 2017). A atenção profunda, contemplativa, não encontra espaço frente a exigência da hiperatenção rasa e dispersa, caracterizada pela “rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos” (HAN, 2017, p. 31).

A contemplação, como atenção profunda, à qual a sociedade do cansaço deixa de ter acesso por conta da hiperatividade, propõe a possibilidade de mergulharmos nas coisas e, assim, experimentando e conhecendo, ampliarmos as chances de criarmos o novo, de criarmos novos mundos. “Pura inquietação não gera nada de novo, apenas reproduz e acelera o já existente” (Ibid, 2017, p. 34). É no demorar-se contemplativo que também nasce a possibilidade de um envolvimento mais profundo com as coisas; desperta-se a chance de se ter uma “experiência”, advinda de um estado de duração, capaz de resistir à hiperatividade.

Francis Alÿs, artista que tem uma produção elaborada a partir da percepção da cidade e das formas como as pessoas a ocupam, nos mostra o quanto perceber atentamente também é uma ação política, já que pode nos apresentar as estruturas de controle. Em *Cuentos Patrióticos* (1997), o artista documenta, em tempo real, doze horas das movimentações na Praça da Constituição, principal praça da Cidade do México, conhecida como Zócalo, um local de frequentes manifestações cívicas e protestos. Perceber atentamente a forma como habitamos um lugar pode nos dizer muito mais do que imaginamos. Artes que acionam “práticas de espaço” desvelam tanto lugares de poder quanto as sutis formas de vida e de resistência.

Mas, afinal, quais são as forças que estão presentes na capacidade de ver, olhar, reparar, perceber? A observação implicaria uma ação ativa? De acordo com Michel Serres (2013), a “percepção” garante as coisas do mundo, e a capacidade de perceber não somente sensibiliza os sujeitos, mas o ato de perceber pode mudar o percebido, pois, “quanto mais percebemos, mais o mundo existe, menos ele arrisca fracassar (...) ver o mundo nos torna encantados, mas nossas visões também o tornam encantado” (2013, p. 83-84). De acordo com o autor, o ato de perceber implica numa ação ativa capaz de transformar o que é visto, posto que se apresenta acompanhado de um gesto possível de manutenção e reinvenção do mundo, reafirmando sua existência. De acordo com Serres, a percepção é “uma fusão do sentir e do sentido” (2013, p. 85), ela “recebe, emite, trata e armazena informação” (2013, p. 85). Há, pois, no perceber, uma relação entre sujeito e mundo, em que não só podemos afetar o que percebemos, como também podemos ser afetados pelo percebido.

Faz-se necessário ressaltar que *tempo* e *percepção* são conceitos que, nas poéticas visuais que me interessam, estão interligados, são interdependentes. Parafraseando Muntadas, “percepção requer envolvimento” (1999, on-line) –, e envolvimento requer tempo: para si, para o outro, para estar junto e para as coisas do mundo. Mas, afinal, como tais noções, de *tempo* e *percepção*, são trabalhadas em minha poética? Através de ações urbanas, projetos e publicações artísticas, que se exprimem entre palavra, fotografia e objeto, meus trabalhos relacionam-se a procura de um contato com um “tempo mais generoso” e com

uma “percepção que pede olhos para reparar”, como investigado em *Relógios de Tempos-outros* (2015-2016), *Aguardo Dedicatória* (2016), *Ser-meio-peixe-meio-pássaro #1* (2018) e *Cuidar, demorar-se, penetrar* (2018), alguns dos trabalhos que compõem minha pesquisa em poéticas visuais.

4. CONCLUSÕES

Através da instauração de um campo crítico que revela a realidade por outras formas e linguagens, a produção das Artes Visuais Contemporâneas se coloca como atitude de resistência a algumas configurações do modo de vida contemporâneo, contribuindo, assim, para o alargamento da percepção comum. Dessa forma, em minhas investigações, a percepção está compreendida enquanto capacidade humana sensível, ética, poética e política – capaz de desvelar estruturas, instaurar reflexões críticas e superar o próprio senso comum. Portanto, se faz lugar de resistência também ao esgotamento, à desatenção e aos não-envolvimentos instituídos no mundo.

Nesse sentido, essa pesquisa em Poéticas Visuais busca perceber meu próprio trabalho poético, no qual sou acionado por todas essas questões. Como artista e pesquisador, investigo meus modos de fazer e pensar enquanto produzo arte. Em contraposição à situação de dispersão da sociedade atual, desenvolvo trabalhos com uma poética na qual as categorias operacionais estão relacionadas à *presença*, à “atenção”, que cultivam o “tempo do outro”, e somam-se a uma “força perceptiva sensível”, não somente ligada ao ato de ver, mas também ao *cuidado*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAN, Byung-Chul. **Por favor, cierra los ojos – a la búsqueda de outro tempo diferente**. 1ª ed. digital, Barcelona: Herder Editorial, 2016.

_____. **Sociedade do cansaço**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2017.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e intervenção produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MUNTADAS, Antoni. **PERCEPÇÃO REQUER ENVOLVIMENTO**. Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <<https://goo.gl/XTh3UY>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em artes visuais**. Porto Arte, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-UFRGS, n.13, v.7, 1996.

SERRES, Michel. **Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma**. In: WOOLF, Virginia. O tempo passa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 63-92.